

PESQUISAR PARA PROJETAR: UMA REFLEXÃO ACERCA DA PESQUISA NA ÁREA DE PROJETO DE ARQUITETURA NO BRASIL

VELOSO, Maísa (1); TINOCO, Marcelo (2)

(1) Arquiteta, Profª Drª, Universidade Federal do Rio Grande do Norte/ Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Coordenadora do Grupo de Pesquisa “Projetar – Projeto de Arquitetura e Percepção do Ambiente” (e-mail: maisaveloso@uol.com.br)

(2) Arquiteto, Prof. Dr., Universidade Federal do Rio Grande do Norte/Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Vice-Coordenador do Grupo de Pesquisa “Projetar – Projeto de Arquitetura e Percepção do Ambiente” (e-mail: mtinoco@ufrnet.br)

RESUMO

Este artigo discute os avanços e os limites da pesquisa científica na área de projeto de arquitetura, aqui considerada como essencial para uma melhor formação e atuação não só de docentes/pesquisadores como também de profissionais que têm como ofício o projetar. A discussão é feita com base na revisão da literatura internacional e nacional que trata do assunto, nos resultados de dois projetos integrados de pesquisa desenvolvidos pelos autores deste texto, bem como em suas experiências de ensino em disciplinas que tratam de metodologia de ensino, pesquisa e avaliação de projetos. A problemática central levanta questões de ordem teórica, metodológica, epistemológica e também sobre práxis existentes. Para exemplificá-la, referimo-nos ao quadro institucional brasileiro, universo de nossa pesquisa, a partir dos dados coletados através da aplicação de formulários eletrônicos a docentes e pesquisadores de escolas de arquitetura no país e da análise de currículos de arquitetos, disponibilizados para consulta pública na plataforma LATTES do CNPq. Apesar da pouca tradição em pesquisa na área, pode-se constatar alguns avanços importantes nos últimos anos, em especial no que concerne à pesquisa sobre precedentes (em geral projetos executados) como instrumento de fundamentação das decisões de projeto, notadamente nos trabalhos acadêmicos de alunos e professores (pesquisa para o projetar). No entanto, ainda é incipiente a constituição de um campo de pesquisa científica sobre o projetar, ou seja, sobre o projeto como objeto de um conhecimento complexo, mas passível de (re)produção/apreensão por meio do ensino e/ou do aprendizado estruturados.

ABSTRACT

This article discusses the advances and limitations of scientific research within the architectural design area, here considered as essential for a better preparation and performance of teachers/researchers, as well as those in the designing profession. The discussion is based on a revision of the international and domestic literature focusing on that subject, on two integrated research projects developed by the above named authors and also on their teaching experiences pertaining to subjects connected with teaching, researching and project assessment methodologies. The central matter raises questions concerning theoretical, methodological, and epistemological orders, as well as the existing praxis. The Brazilian institutional scenario, which is the universe of the present research, is herein referred to as an example obtained from the application of electronic questionnaires to teachers and researchers in architectural schools throughout the country and from the analyses of curricula vitae pertinent to Brazilian architects and publicly available in the CNPq LATTES platform. In spite of the poor tradition on researches in this area, a few important advances could be verified along the most recent years, particularly concerning researches on precedent patterns (usually examples of built designs) utilized as a basis for design decisions, specially in academic tasks performed by students and teachers (researching for design). However, the constitution of a scientific research field on designing that is, the design as an object of complex knowledge, though susceptible of (re)production/apprehension by means of teaching and/or structured learning is still incipient.

1. INTRODUÇÃO

A pesquisa na área de projeto é recente no Brasil, um país onde o ensino institucionalizado de arquitetura iniciou-se, no século XIX, nos moldes da tradição clássica da escola de Belas Artes francesa e depois prosseguiu, já no âmbito do modernismo, segundo um modelo de repasse de conhecimentos entre mestres (arquitetos projetistas) e aprendizes. Neste último caso, muito mais próximo do modelo anglo-saxão como descrito por Stevens (2003), no qual a pesquisa não era privilegiada, e sim o saber fazer arquitetônico. Mas, no caso brasileiro, a experiência profissional acumulada pelo indivíduo fora dos meios acadêmicos, não só era transformada em capital simbólico como também assegurava sua inserção como professor

qualificado de projeto nas escolas, dispensando qualquer formação especificamente voltada para o ensino e/ou pesquisa.

A partir dos anos 70, com a proliferação das escolas de arquitetura, em especial no âmbito das universidades públicas brasileiras¹, a pesquisa institucionalizada desenvolveu-se mais nas áreas de teoria, história e crítica, ou na de estudos urbanos (em função da especificidade brasileira de dupla formação em arquitetura e urbanismo), recorrendo-se com frequência a teorias e métodos de outras disciplinas como história, sociologia, psicologia, geografia, ou do próprio urbanismo, consideradas mais “legítimas” cientificamente (Veloso e Elali, 2003). Na maioria dos casos, os estudos concentraram-se na análise da produção (arquitetônica e urbanística) de profissionais, quase sempre renomados e em geral não acadêmicos. Ocorre então a dissociação entre pesquisadores (intelectuais/produtores de conhecimento ou de discursos) e projetistas (profissionais de mercado, mas também professores/produtores de projetos), dissociação esta que ainda está no centro dos principais conflitos existentes na área, e cuja superação consideramos fundamental para o avanço da mesma.

Só mais recentemente, com o crescimento da pós-graduação e as exigências de titulação (em Mestrado e Doutorado) e de envolvimento em pesquisa para melhor inserção e desempenho no meio acadêmico (processos que são fortemente imbricados), é que se verificam esforços no sentido de criar uma prática regular de pesquisa, bem como de se profissionalizar o ensino na área de projeto (na qual o professor não é mais necessariamente atuante no mercado).

Diante deste quadro brevemente esboçado, nós procuramos discutir neste artigo os avanços e os limites da pesquisa científica na área de projeto de arquitetura, aqui considerada como essencial para uma melhor formação e atuação não só de docentes/pesquisadores como também de profissionais que têm como ofício o projetar. A discussão é feita com base na revisão da literatura internacional e nacional que trata do assunto, nos resultados de dois projetos integrados de pesquisa desenvolvidos pelos autores deste texto, bem como em suas experiências de ensino em disciplinas que tratam de metodologia de ensino, pesquisa e avaliação de projetos. A problemática central envolve questões de ordem teórica, metodológica, epistemológica e também sobre práxis existentes. Sem querer nem poder encerrar todas estas questões nos limites impostos pela natureza deste trabalho, nós aqui apenas trataremos de alguns pontos que julgamos merecer destaque nesta problemática. Para exemplificá-la, referimo-nos ao quadro institucional brasileiro, universo de nossa pesquisa aplicada, com base nos dados coletados através da aplicação de formulários eletrônicos a docentes e pesquisadores de escolas de arquitetura no país e na análise de currículos de arquitetos, disponibilizados para consulta pública na plataforma LATTES do CNPq.

2. O PROBLEMA: PESQUISAR O QUE, COMO E PARA QUE?

A discussão sobre o que constituiria um campo de conhecimentos (e de pesquisa) especificamente arquitetônicos não é nova. No plano internacional, desde os anos 60, arquitetos ou estudiosos de arquitetura têm travado debates sobre este tema, na busca da definição de uma ciência arquitetônica ou, em última instância, da arquitetura como objeto de conhecimento científico, porém inextricavelmente ligada às artes e, portanto, a processos criativos. Os conceitos e métodos propostos foram vários, ora privilegiando aspectos históricos, funcionais ou formais/tipológicos; ora aspectos de natureza sócio-cognitiva e perceptiva, tanto no que diz respeito à produção - o feito - como à concepção e à projeção - o fazer (entre outros, destacam-se Noberg-Schulz, 1962; Alexander, 1964; Rossi, 1960; Tafuri, 1973; 1976). No âmago destas abordagens, situa-se o projeto que, “em última análise, é o núcleo específico da prática do arquiteto, tornando-se então objeto de um saber específico...” (Girard, 1989, p. 18-19)². Reconhece-se que a atividade projetual é que distingue a profissão de outras que tratam do espaço e que qualquer tentativa de tornar a arquitetura científica

¹ No Brasil, não há uma distinção entre escolas de arquitetura e universidades tal como ocorre em países como a França e a Grã-Bretanha, nos quais a pesquisa científica seria privilegiada e/ou mais reconhecida nas segundas, vinculadas aos órgãos de educação estatais. As escolas, faculdades ou departamentos de arquitetura e urbanismo brasileiros estão em sua maioria inseridos em universidades, e são regidas por um mesmo sistema, o do Ministério da Educação nacional. No nosso caso, a maior distinção seria entre ensino superior público e privado (este último, reúne cerca de 75% dos cursos de arquitetura do país, conforme dados da ABEA para 2003, *apud* Veloso e Elali, 2003). No entanto, a pesquisa é notadamente mais desenvolvida nas universidades públicas e, em segundo lugar, nas chamadas PUC (Pontifícias Universidades Católicas), de ensino pago.

² Tradução livre dos autores do texto original em francês.

passa também pela necessidade de teorização e “modelização” do projeto. Ainda segundo Girard, já não são suficientes discursos explicativos feitos *a posteriori* do trabalho e do objeto arquitetônicos: o conceito tem e deve ser colocado antes e durante a atividade de projeção; é ele que lhe dá suporte. No entanto, o autor considera que os conceitos em arquitetura são “nômades” e a projeção é caracterizada por uma (criativa) indisciplina (Girard, *ibid*). Em um sentido oposto a esta visão, destaca-se um dos mais sérios trabalhos de construção de uma abordagem epistemológica da arquitetura: o de Philippe Boudon e sua proposta de “arquiteturologia”, na qual é dada ênfase à concepção projetual e ao conceito de escala que lhe é central (Boudon, 1971; Boudon *et al*, 2000).

Parece assim ser inerente ao nosso campo de conhecimento, esta tensão entre ciência e arte, entre tentativas de controle e definição de conceitos e de *modus operandi*, de um lado, e as incertezas do “prazer da criação”, de outro; ou ainda, entre os aspectos mensuráveis (quantitativos) e os não mensuráveis (qualitativos) que envolvem o projetar, o que Chupin (2001), referindo-se ao ensino do projeto, chamou de “jogo do controle e da incerteza” ou de uma polarização entre o “claro” e o “obscuro”, uma referência às já renomadas “caixas” preta e translúcida que encerram as atividades projetuais. Em todo caso, é patente a demanda/necessidade de teorização e elucidação de conceitos e métodos, ainda que não consensuais. Soma-se a esta, uma demanda crescente pela pesquisa institucionalizada nas escolas de arquitetura, de forma a conferir maior cientificidade, ao menos no plano dos discursos, às atividades de ensino e de produção de conhecimentos neste campo.

Mas, apesar destes avanços, caberia ainda melhor definir o que constituiria a pesquisa em projeto e quais seriam os objetos e os métodos de pesquisa e de análise mais apropriados. A revisão da produção científica de eventos nacionais e internacionais relacionados à área³ mostra que o campo de pesquisa sobre ou para o projeto, tem se expandido e é bastante diversificado. Há, sobretudo no meio acadêmico, avanços importantes no sentido de inculcar a pesquisa como subsídio indispensável para o (bom) projeto, em especial entre os alunos, futuros projetistas. Incentiva-se, notadamente, a pesquisa histórica, a análise da produção arquitetônica existente (estudos de precedentes), em geral de espaços edificados, mas também de projetos não executados⁴, com base em análises formais (tipológica, semiótica, sintaxe espacial), ou em análises funcionais e técnico-construtivas (materiais e sistemas construtivos empregados), ou ainda nas relações usuários-ambientes (percepção e comportamento ambientais). Os recortes temáticos são também diversos, indo muito além do tradicional campo de estudos da habitação ou de formas do morar, para arquiteturas hospitalares, educacionais, comerciais, espaços de lazer e cultura, o patrimônio histórico edificado, etc. que constituem, sem dúvidas, um rico material de referências para novos projetos. Ou seja, a grande maioria das pesquisas existentes é aplicada, se investiga mais sobre o projetado, e no sentido de dar suporte a novos projetos (para o projetar). Poucos são os trabalhos, ou pesquisas fundamentais, sobre o projetar como objeto de conhecimento ou como uma atividade intelectual que precede e conduz uma prática (o projeto); quando ocorrem, elas tratam em geral de conceitos e métodos de projeção (a prática) ou de ensino e de avaliação de projetos. Neste último caso, para o Brasil e América Latina, deve-se destacar, entre outras, as importantes contribuições de Elvan Silva (1986, 1991), Carlos Comas (1986), Edson Mahfuz (1981) e Alfonso Corona Martinez (1990), trabalhos de datam de meados da década de 80, época em que a disciplina de projeto, então em crise, foi objeto de intensos debates, só retomados mais sistematicamente 20 anos depois, por ocasião do Seminário Projetar 2003, realizado em Natal. O panorama atual destas questões no Brasil é traçado adiante.

3. NOSSAS PESQUISAS

Embora no Brasil, a área de projeto tenha assumido importante papel na formação dos profissionais de arquitetura, apresenta pouca tradição em pesquisa e ainda uma escassa produção bibliográfica especificamente relativa às questões teóricas e metodológicas que envolvem a prática projetual. Além disso, o ensino de projeto tem passado por transformações importantes nos últimos anos, com mudanças no perfil dos docentes, revisão de conteúdos e de métodos tradicionais, pautados em paradigmas modernistas. Este processo, embora ainda

³ Além do I Seminário Nacional sobre Ensino e Pesquisa em Projeto de Arquitetura - Projetar, realizado em Natal em 2003, destacamos, por exemplo, o EURAU 2004, ocorrido em Marselha, no qual se discutiu amplamente a questão da pesquisa e da formação doutoral em arquitetura e urbanismo e, mais especificamente, em projeto, como nos trabalhos de Chesneau (2004) e De Nito (2004).

⁴ Uma abordagem interessante é feita pelo Laboratório de Estudos da Arquitetura Potencial (L.E.A.P.), da Universidade de Montreal, que analisa um vasto material produzido para concursos de projeto de arquitetura no mundo todo.

incipiente, procura acompanhar a já referida tendência internacional de fortalecimento da área de arquitetura como campo de conhecimento científico.

Objetivando melhor compreender o panorama nacional, três professores das áreas de teoria e projeto do Departamento de Arquitetura (DARQ) e do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) decidiram buscar referências a fim de compor um quadro articulado sobre a teoria, ensino, pesquisa e extensão em projeto de arquitetura no Brasil⁵. Nestas três pesquisas integradas, investigam-se quantos e quem são hoje os professores de projeto participando de atividades de ensino, pesquisa e extensão, quais temas têm sido pesquisados e como têm sido divulgados os seus resultados. Além disso, procura-se identificar quais são as referências teóricas e metodológicas utilizadas no desenvolvimento de suas pesquisas e nas suas atividades de ensino.

Assim, as pesquisas, ora em curso, têm como objetivo principal o levantamento e análise do quadro atual em que o projeto de arquitetura vem sendo discutido, ensinado e praticado nos cursos de graduação e pós-graduação no Brasil. Através principalmente da aplicação de formulários eletrônicos a docentes e pesquisadores, espera-se diagnosticar e melhor avaliar o estado atual da questão, fornecendo bases para troca de experiências, crítica, renovação, e o conseqüente fortalecimento da área. Informações referentes ao perfil geral dos docentes, conteúdos, métodos e bibliografia utilizados nas disciplinas, pesquisas e projetos desenvolvidos, bem como suas produções intelectuais relevantes (livros, artigos e teses defendidas) serão posteriormente disponibilizadas em *site* para consulta pública.

Nesse sentido, uma das metas é a construção de um banco de dados denominado PROJEDATA, a ser gerido pelo recém-criado Grupo Projetar – Projeto de Arquitetura e Percepção do Ambiente⁶, que reúne a equipe de pesquisadores do DARQ/PPGAU/UFRN que criaram e promoveram o I Seminário sobre Ensino e Pesquisa em Projeto de Arquitetura, realizado em Natal, em 2003. O banco de dados reunirá inicialmente as informações obtidas através dos três projetos de pesquisa desenvolvidos paralelamente, nas 152 escolas e nos 14 programas de pós-graduação em arquitetura e urbanismo existentes no país. O *site* tem por objetivo buscar uma maior integração entre as instituições, docentes e estudantes interessados na área de projeto de arquitetura, uma vez que estará disponível para consulta pública, e será objeto de permanente atualização. Conhecer, sistematizar, atualizar e divulgar as informações relativas à produção na área de projeto de arquitetura no Brasil, constitui-se, ao nosso ver, tarefa fundamental para o aprimoramento da atividade de ensino e de pesquisa na área de projeto de arquitetura e sua consolidação como campo de conhecimento científico.

No primeiro ano das pesquisas, foi feita uma revisão crítica da literatura nacional e internacional relativa à teoria, ensino e pesquisa em projeto e foi realizada uma pesquisa piloto, através da aplicação de um formulário eletrônico com informações preliminares sobre docentes e pesquisadores da área, dentro de um universo inicial de 43 instituições de ensino superior (IES), onde atuam cerca de 450 professores vinculados ao ensino de projeto. As informações fornecidas pelo preenchimento dos formulários (encaminhados para o endereço eletrônico projedata@ct.ufrn.br), foram complementadas por dados colhidos *on line* nos currículos disponibilizados para consulta pública na plataforma LATTES do CNPq. Nesta fase, trabalhamos inicialmente com uma amostra de 60 docentes. Uma análise qualitativa dos dados até aqui coletados, ainda que preliminar, já permite-nos identificar algumas tendências e particularidades do caso brasileiro.

4. UMA ANÁLISE DO QUADRO INSTITUCIONAL BRASILEIRO NA ÁREA DE PROJETO

Em primeiro lugar, há que se destacar o esforço de titulação dos professores da área de projeto: embora ainda seja considerável o percentual de mestres, há muitos doutorandos ou recém-

⁵ Os professores Maisa Veloso, Marcelo Tinoco e Sonia Marques, são responsáveis, respectivamente, pelas seguintes pesquisas: Quadro do Ensino em Projeto de Arquitetura no Brasil; Quadro da Pesquisa e Extensão em Projeto de Arquitetura no Brasil; Teoria do Projeto no Brasil. Estas pesquisas contam com a preciosa colaboração dos bolsistas Carla Varela, Wênnya Machado e André Luís.

⁶ Grupo anteriormente vinculado à Base MUsA (Morfologia e Usos da Arquitetura). Além dos autores deste texto, também fazem parte do grupo Projetar: como pesquisadores vinculados à UFRN, os professores Edja Trigueiro, Gleice Elali, Iana Rufino, Marizo Vitor e Sonia Marques; como pesquisadores associados (externos à UFRN), Izabel Amaral e Nilberto Gomes (UNP), Cristiane Rose Duarte e Paulo Afonso Rheingantz (PROARQ/UFRJ) e Jean-Pierre Chupin (École d'Architecture, da Universidade de Montreal, com a qual mantemos intercâmbio), além de alunos de graduação e de pós-graduação (bolsistas ou voluntários).

doutores. São poucos os que têm formação doutoral há mais de 10 anos, o que revela que esta é uma conquista recente. Entre os titulados em nível de pós-graduação (mestrado ou doutorado), é interessante notar a diversidade das áreas de formação que vão desde sociologia, história, educação, filosofia, passando pelo planejamento urbano, urbanismo, desenvolvimento e meio ambiente, até chegar às engenharias e às ciências da informação. É relativamente pequena a quantidade de pós-graduados na própria área de arquitetura, e mais especificamente na sub-área de projeto, o que se explica pela pouca tradição de estudos de pós-graduação nestes campos. Como já analisamos em outro trabalho (Velooso e Elali, 2003), os cursos de pós-graduação em arquitetura e urbanismo no Brasil só se difundiram mais amplamente a partir da década de 80. Até então, essa formação específica só era feita no exterior ou em sub-áreas de cursos tradicionais como os das Universidades de Brasília (de 1962) e de São Paulo (de 1972).

Entre as atividades desenvolvidas atualmente pelos pesquisados, destacam-se, em primeiro lugar, as atividades de ensino em disciplinas de graduação (todos) e de pós-graduação (só para os doutores). Salta aos olhos o grande número de disciplinas ministradas (uma média de 3 disciplinas por docente), revelando um alto envolvimento com o ensino, especialmente no caso dos professores mais jovens e/ou aqueles não lotados em cargos administrativos (que permitem a diminuição da carga horária). Além disso, nem sempre as disciplinas ministradas são exclusivamente da área de projeto; há quase sempre uma co-participação em disciplinas de outras áreas como as de tecnologia, teoria e história ou de representação gráfica. Estes fatos suscitam duas hipóteses a serem comprovadas posteriormente: 1- os professores das escolas de arquitetura brasileiras (e não só os de projeto) estão altamente sobrecarregados com carga horária em disciplinas (em geral, pela falta de recursos humanos suficientes, diante das restrições orçamentárias dos últimos tempos, e da conseqüente restrição do número de vagas em concursos para professores, enquanto que vem expandindo o número de matrículas de alunos); 2- diante destas restrições, os professores pós-graduados da área de projeto, em função de sua formação em áreas afins, são uma espécie de “coringa” nas escolas, circulando entre diversas disciplinas, não havendo, assim, uma continuidade e uma produção de conhecimentos duráveis em suas disciplinas específicas. Em ambas as situações, e sem falar, por enquanto, no tempo que alguns ainda dedicam às atividades profissionais em escritórios ou instituições onde atuam como arquitetos, tem-se como conseqüência uma diminuição sensível do tempo que poderia ser destinado à pesquisa, à extensão e à produção intelectual, o que pode ser atestado pelos dados até aqui coletados.

O envolvimento em pesquisa por parte dos professores de projeto pode ser considerado pouco expressivo (menos da metade da amostra). Quanto a este aspecto, é preciso fazer algumas observações. Em primeiro lugar, a participação em pesquisa varia conforme a idade ou o tempo de ensino, o grau de titulação e a participação ou não do docente em atividades administrativas (na instituição de ensino) ou em atividades profissionais fora do meio acadêmico. Assim, os mais jovens e/ou os com titulação doutoral conciliam melhor ensino com atividades de pesquisa, enquanto que os mais antigos e/ou com menor titulação conjugam ensino com atividades administrativas (na IES) ou com a prática profissional (fora da IES). Em segundo lugar, há que se considerar as dificuldades de obtenção de financiamentos para a pesquisa nos meios acadêmicos brasileiros, o que desestimula em muito seu crescimento. Os recursos destinados pelas agências de fomento (como o FINEP e o CNPq) para a área de arquitetura e urbanismo (no Brasil, classificada entre as ciências sociais aplicadas) são inexpressivos diante dos alocados em outras áreas de conhecimento vinculadas às chamadas ciências exatas ou da saúde. E isto tanto no que diz respeito ao financiamento direto de pesquisas como à distribuição de bolsas de produtividade a pesquisadores. É muito freqüente que professores só tenham como apoio à pesquisa 1 ou 2 bolsas de iniciação científica.

Já na participação em projetos de extensão universitária (também pouco expressivos) não foi possível identificar padrões variando conforme o perfil dos docentes. O ponto comum é que são em geral projetos desenvolvidos em parceria com agentes públicos ou privados, sendo bem mais freqüentes projetos sociais voltados para comunidades carentes, com a intermediação de órgãos públicos locais (estaduais ou municipais). Ainda é muito tímida a relação entre as escolas e as empresas privadas. Assim também o é com relação ao meio profissional; o que evidencia o distanciamento existente entre professores/pesquisadores e projetistas. A interação entre escola e o meio profissional ocorre mais comumente pela participação do alunado em estágios em escritórios de arquitetura ou em órgãos

públicos. Estas relações entre meio acadêmico (ensino, pesquisa e extensão) e o meio profissional e a sociedade em geral estão sintetizadas no quadro que apresentamos na figura 1⁷.

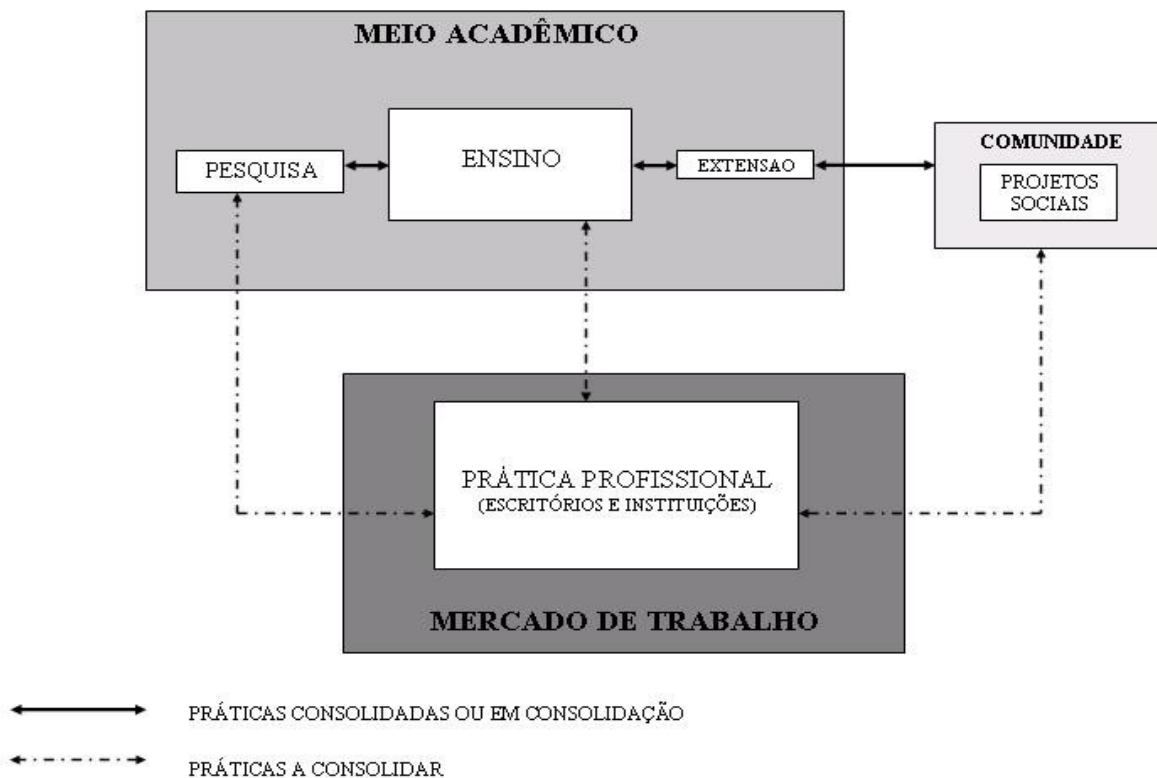


FIGURA 01: RELAÇÕES ENTRE PESQUISA, ENSINO, EXTENSÃO E PRÁTICA PROFISSIONAL EM PROJETO.

Quanto às temáticas predominantes nas pesquisas desenvolvidas, podem ser destacadas aquelas ligadas ao espaço habitado e suas relações com questões construtivas, hábitos de morar e interfaces com o planejamento urbano. Outras duas temáticas recorrentes, sobretudo em instituições do Nordeste e do Sul do país, relacionam-se ao conforto e à acessibilidade em ambientes construídos. Finalmente, cabe ressaltar a identificação de temáticas preocupadas com a questão do ensino do projeto de arquitetura, tanto no que se refere a procedimentos metodológicos, como às especificidades da transmissão do conhecimento arquitetônico através de meios eletrônicos, com ênfase à utilização da internet. O detalhamento dos referenciais teórico e metodológico empregados só poderá ser feito na pesquisa definitiva, com aplicação do formulário detalhado. Mas, de antemão, pode-se constatar recurso freqüente à abordagem da Avaliação Pós-Ocupação (APO) de espaços edificados e a estudos de percepção ambientais.

Enfim, como já esperado, também no caso brasileiro, as pesquisas são mais voltadas para análises de projetos executados, visando subsidiar projetos futuros: pesquisa-se para o projetar e não sobre o projetar em si. Há, portanto, todo um trabalho de reflexão teórica e epistemológica ainda a ser consolidado na área de projeto no meio acadêmico brasileiro. A aceitação da necessária co-habitação da ciência com a arte (ou entre o preciso e o impreciso, o objetivo e o subjetivo) bem como da igualmente necessária expansão de pesquisas aplicadas e puras, diminuindo as distâncias que existem entre pesquisadores e projetistas, entre meio acadêmico e meio profissional, entre escola e sociedade, podem contribuir bastante para a consolidação desta área, conferindo maior qualidade para a atividade de projeção em si e dos espaços edificados que dela resultam.

5. CONSIDERAÇÕES COMPLEMENTARES

A construção deste cadastro preliminar permitiu apenas uma primeira leitura das tendências relativas à pesquisa na área do Projeto de Arquitetura no Brasil, em especial das temáticas abordadas nas instituições de ensino superior que integraram a investigação piloto. Todas estas questões serão com certeza melhor elucidadas com a realização da pesquisa definitiva. Por outro

⁷ Elaborado por Carla Varela, bolsista de iniciação científica.

lado, pode-se constatar a importância do aprofundamento do conhecimento do sistema de plataformas de comunicação em rede, através das linguagens que hoje operam as páginas eletrônicas, o que tem se mostrado imperativo na condução de um dos objetivos maiores da presente pesquisa que é a construção da página eletrônica do PROJEDATA.

A contínua e permanente atualização do cadastro de informações para a consolidação do PROJEDATA, a pesquisa nas páginas das instituições envolvidas, as informações dos currículos LATTES dos docentes identificados, e, sobretudo, a comunicação e troca de informações que um banco de dados dessa natureza permitirá, entre instituições, docentes, estudantes e pesquisadores, constituir-se-á em campo fértil na orientação e desenvolvimento de pesquisas, produção intelectual e ensino na área de projeto, contribuindo também para a diminuição das defasagens e dos distanciamentos existentes.

Cabe destacar, finalmente, que o domínio das ferramentas de educação à distância, através da troca de informações, experiências e pesquisas *on line*, deve também constituir, sem dúvida, uma meta a ser perseguida para o desenvolvimento integrado do ensino, pesquisa e extensão do projeto de arquitetura no país.

BIBLIOGRAFIA:

- Alexander, Christopher (1964). *Notes on the Synthesis of form*. Cambridge: Harvard University Press.
- Boudon, Philippe (1971). *Sur l'espace architectural. Essai d'Épistémologie de l'architecture*. Paris: Dunod.
- Boudon, Philippe et al (2000). *Enseigner la conception architecturale – Cours d'Architecturologie*. Paris: Éditions de la Villette.
- Chesneau, Isabelle (2004). "Pourquoi dépasser les contradictions entre recherche et projet"? In: *Actes Préalables des Journées Européennes de la Recherche Architecturale et Urbaine*. Marseille.
- Chupin, Jean-Pierre (2002). "L'enseignement du projet d'architecture entre contrôle et incertitude". In: *Cours de Stratégies de Design (Recueil des textes)*. Montreal: Université de Montréal, École d'Architecture.
- Comas, Carlos (1986). "Ideologia modernista e ensino do projeto arquitetônico: duas proposições em conflito". In: Comas, Carlos (org.). *Projeto Arquitetônico – Disciplina em crise, disciplina em renovação*. São Paulo: Projeto.
- De Nito, Loredana (2004). "Between research and project: a PhD experience". In: *Actes Préalables des Journées Européennes de la Recherche Architecturale et Urbaine*. Marseille.
- Girard, Christian (1989). *Architecture et concepts nomads - Traité d'indiscipline*. Bruxelles: Pierre Mardaga Éditeur.
- Mahfuz, Edson (1995). *Ensaio sobre a Razão Compositiva*. Viçosa, Belo Horizonte: UFV, AP Cultural.
- Martinez, Alfonso (2000). *Ensaio sobre o Projeto*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília.
- Noberg-Schulz, Christian (1962). *Intentions in Architecture*. Oslo: Universitets Forlaget.
- Rossi, Aldo (1966). *L'Architettura della Città*. Padova: Marsilio Editori.
- Silva, Elvan. (1986). "Sobre a renovação do conceito de projeto arquitetônico e sua didática". In: Comas, Carlos (org.). *Projeto Arquitetônico – Disciplina em crise, disciplina em renovação*. São Paulo: Projeto.
- Silva, Elvan (1991). *Uma Introdução ao Projeto Arquitetônico*. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Stevens, Garry (2003). *O círculo privilegiado – Fundamentos sociais da distinção arquitetônica*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília.
- Tafuri, Manfredo. (1973). *Progetto e Utopia. Architettura e sviluppo capitalisco*. Bari: Laterza e Figli.
- Tafuri, Manfredo. (1976). *Théories et Histoire de l'Architecture*. Paris: SADG.
- Veloso, Maísa e Elali, Gleice (2003). "A Pós-Graduação e a formação do (novo) professor de projeto". In: Marques, Sonia e Lara, Fernando (org.) *Projetar – Desafios e Conquistas da Pesquisa e do Ensino*, Rio de Janeiro: Editora Virtual Científica.